

editorial

editorial

entrevista

interview

ágora

agora

tapete

carpet

artigo nomads

nomads paper

projetos

projects

expediente

credits

próxima v!rus

next v!rus

**V!20**

revista V!RUS

V!RUS journal

issn 2175-974x

ano 2020 year

semestre 01 semester

Julho 2020 July

# A ESCUTA COMO ENCONTRO: AÇÃO E REFLEXÃO EM ESTUDO DE CAMPO COLETIVO LISTENING AS AN ENCOUNTER: ACTION AND REFLECTION IN A COLLECTIVE FIELD STUDY

LUCIANA ROÇA, MARCELO TRAMONTANO

PT | EN

**Luciana Roça** é bacharel em Audiovisual, Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Estuda entornos sonoros, encontros, ambiência e vida cotidiana, principalmente através de métodos de som. [lusroca@gmail.com](mailto:lusroca@gmail.com)

**Marcelo Tramontano** é Arquiteto, Mestre, Doutor e Livre-docente em Arquitetura e Urbanismo, com Pós-doutorado em Arquitetura e Mídias Digitais. É Professor Associado do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição. Coordena o Nomads.usp e é Editor-chefe da revista V!RUS. [tramont@sc.usp.br](mailto:tramont@sc.usp.br)

Como citar esse texto: ROÇA, L. S.; TRAMONTANO, M. A escuta como encontro: ação e reflexão em estudo de campo coletivo. **V!RUS**, São Carlos, n. 20, 2020. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=6&item=1&lang=pt>. Acesso em: 22 Jul. 2020.

## Resumo

O artigo discute métodos de pesquisa de campo em ações realizadas coletivamente, como um movimento contínuo de ação e reflexão, teoria e prática, envolvendo a escuta do espaço urbano e de seus agentes. Argumentamos que estas atividades reafirmam o ato de pesquisa como um processo contínuo de diálogo e discussão, e baseamos nossa reflexão na experiência do estudo de campo do projeto CentroSP, conduzido por pesquisadores do Nomads.usp no centro da cidade de São Paulo. Após um prólogo que examina brevemente questões impostas pela pandemia de 2020 sobre métodos de campo, o artigo contextualiza o projeto CentroSP e discute as atividades de escuta em campo enquanto práticas coletivas que auxiliam a aproximação e o enraizamento da pesquisa à realidade.

**Palavras-chave:** Som, Escuta, Métodos, Pesquisa de campo, Espaço urbano

## Prólogo: relações entre entorno sonoro e métodos de pesquisa de campo em tempos de pandemia

Início de junho de 2020. Desde há alguns meses, estamos sendo confrontados a uma pandemia global e seus efeitos em pesquisas acadêmicas, principalmente aquelas que recorrem a ações em campo. Ao escrever sobre o emprego de métodos de campo no estudo de entornos sonoros urbanos, do ponto de vista da pesquisa acadêmica e da extensão universitária, não poderíamos deixar de comentar esse panorama. Contudo, a

impossibilidade de um distanciamento histórico em relação à pandemia obriga-nos a sermos breves, sob pena de mover-nos unicamente no terreno das conjecturas. Assim, mergulhados nesta urgência atual, procuraremos, neste prólogo, contribuir para pontuar relações entre entorno sonoro, métodos de pesquisa de campo e a pandemia do SARS-CoV-2, o novo coronavírus causador da COVID-19.

Com a imposição de medidas de segurança como o distanciamento social e o confinamento em vários países, é possível perceber ao menos duas reações de pesquisadores e artistas na investigação do entorno sonoro urbano: encontramos chamadas para produção de reflexão sobre sons captados à janela, e sobre sons captados em interiores domésticos, no âmbito de iniciativas de mapeamento e reunião de diferentes modalidades de registros sonoros. Como exemplos mais próximos, podemos citar o projeto Con:finis, do Nomads.usp (<http://www.nomads.usp.br/confinis>), The Great John Cage Project (<https://anchor.fm/greatjohncageproject>), o Ambient Isolation Project, de Al Sirkett (<https://www.ambientisolation.com/>), Interiorities - Sonic experiments from lockdown (<https://rtm.fm/shows/interiorities/>), Da minha janela (<www.facebook.com/videozero.8>), Histórias Sonoras del Covid ([https://paisajesensorial.com/index.php/project\\_list/historias-sonoras-del-covid19/](https://paisajesensorial.com/index.php/project_list/historias-sonoras-del-covid19/)), do grupo Paisaje Sensorial, o projeto Cartophonies ([cartophonies.fr](http://cartophonies.fr)), do Cresson, além do projeto que reúne artistas convidados pelo Instituto Moreira Salles, de São Paulo, em uma exposição virtual com produção artística sobre o confinamento (<https://ims.com.br/convida/>). Entre os sons da janela e os sons da casa, prolifera a investigação dos espaços íntimos, privados ou domésticos, através da agência do som e da escuta.

De outro lado, percebemos a inquietação de muitos pesquisadores que, por sua vez, reformulam os métodos de suas pesquisas de campo. Um bom exemplo é o documento colaborativo iniciado por Deborah Lupton (2020), que reúne referências e alternativas de métodos de campo durante a pandemia. Além das questões considerando imperativos de saúde pública, o estado de pandemia e a vigilância sanitária constante impuseram reflexões sobre as questões metodológicas das Ciências Humanas como um todo. As preocupações relacionando a pandemia a pesquisa de campo, sociabilidades, relações entre corpo e espaço, biopolítica e técnicas de vigilância vêm sendo discutidas em fóruns acadêmicos da área, em periódicos científicos tais como Social Anthropology (2020), Estudos de Psicologia (2020), as notas de conjuntura do periódico Trabalho, Educação e Saúde (2020), ou o Coronavirus and Philosophers, no Periódico Europeu de Psicanálise (2020). Contam-se, ainda, aos milhares os vários seminários, debates, conferências e outros tantos eventos acadêmicos *online*, além de artigos e livros que ainda estão sendo produzidos no momento em que este artigo está sendo escrito.

Há um duplo processo no qual os pesquisadores procuram entender as mudanças em curso, adaptando ou encontrando novos métodos para pesquisas em desenvolvimento. Eles tentam transpor seus métodos de campo para diversas modalidades de comunicação *online*, considerando também questões de privacidade e ética, seja em relação às condições de uso dos aplicativos utilizados, seja sobre a privacidade e contexto doméstico do entrevistado (LUPTON, 2020, DURAND, CUNHA, 2020). O momento impõe, ainda, problemas na interação entre pesquisadores e pesquisados, especialmente em contextos de acesso limitado ou inexistente à Internet. Além disso, a pandemia destacou ainda mais as desigualdades sociais, raciais, de classe, de moradia e de estrutura urbana no Brasil (SANTOS, 2020, GOES, RAMOS, FERREIRA, 2020), e provavelmente em outras partes do mundo. Assim é que o momento também reafirma a relevância da pesquisa acadêmica para compreender diferentes contextos sociais, identificando e respondendo às necessidades de grupos vulneráveis. Ainda mais importante torna-se uma noção de extensão universitária que valoriza o diálogo entre universidade e sociedade, colocando em colaboração diferentes saberes para o progresso do conhecimento e o amadurecimento de transformações sociais.

Se pesquisa de campo e extensão universitária já estavam sendo repensadas e avaliadas pelos pesquisadores desde bem antes da pandemia, esse processo foi tremendamente realimentado pelas questões colocadas pelo contexto atual, as quais reverberarão ainda por muito tempo. As experiências deste primeiro semestre de 2020 reforçam a necessidade de uma reflexão contínua sobre métodos, acompanhada de uma interalimentação constante entre teoria e prática para que nós, pesquisadores, possamos continuar a abordar e colaborar em diferentes contextos e realidades.

## **1 Introdução**

Neste artigo, propomos uma reflexão sobre a escuta como práxis, como movimento simultaneamente de ação e reflexão, e sua aplicação em métodos de pesquisa de campo realizados coletivamente como prática pedagógica. O artigo visa apresentar discussões teóricas resultantes das atividades do projeto CentroSP, reforçando o ato de pesquisar enquanto um processo contínuo de diálogo e discussão, alimentado a partir da escuta<sup>1</sup>.

O projeto CentroSP teve como objetivo produzir leituras e compreensões de dinâmicas de entornos urbanos através da produção de vídeos e sons, aproximando pessoas de diferentes contextos. O projeto desenvolveu-se em três momentos: um momento inicial de estudo de campo, que agrupou atividades de captação de

vídeo, registros sonoros, entrevistas, e discussão sobre as atividades com os participantes; um segundo momento em que as peças sonoras e de vídeo captadas foram editadas pelos participantes, a partir de seu próprio material e do material disponível em um repositório coletivo; e um momento final, em que os vídeos produzidos foram exibidos em público, juntamente com uma discussão entre participantes e população. O projeto reuniu estudantes de graduação e pós-graduação que investigaram em campo um fragmento do distrito da República, na área central da cidade de São Paulo, já amplamente estudada em diversos projetos anteriores do Nomads.usp. A área estende-se da Praça Roosevelt ao Parque do Anhangabaú, na direção oeste-leste, e do Largo do Arouche à Biblioteca Mário de Andrade, na direção norte-sul, incluindo logradouros como a Praça da República, Largo Paissandu, Praça Ramos de Azevedo, Viaduto do Chá e o Elevado João Goulart.

Este artigo concentra-se no estudo de campo, desenvolvido no primeiro momento do projeto, focalizando particularmente as seguintes atividades: exposição aos participantes sobre os preceitos do estudo de campo e das atividades do projeto, aplicação do método *soundwalk*, realização de entrevistas, captação de sons, e discussão com os participantes sobre as atividades realizadas. Através dos métodos *soundwalk*, entrevistas e captação de sons e vídeos, procuramos incentivar encontros entre diferenças através da escuta do entorno sonoro e das pessoas, em especial pessoas em situação de rua. Visando tornar acessível a produção de registros sonoros, os participantes utilizaram smartphones e equipamentos semiprofissionais para realizar registros de som e de imagem.

O estudo de campo foi realizado através da exploração de dois elementos principais: som (escuta e gravação) e imagem (gravação de vídeos). Enquanto suportes de captação, o registro sonoro e o vídeo foram capazes de motivar o contato entre pessoas de diferentes realidades, assim como permitiram explorar as potencialidades de representação dessas formas de registro. Concordando com Doreen Massey (2005, 2008), quando argumenta que o espaço urbano é uma multiplicidade de encontros, sempre em processo, enxergamos os métodos de campo enquanto propostas de estruturação desses encontros. Estes últimos também implicam no questionamento sobre a construção do outro (AHMED, 2000), criando um processo reflexivo que estimula o reconhecimento de que somos parte do mundo social que construímos (ATKINSON, HAMMERSLEY, 2007).

O artigo é estruturado em três partes. A primeira, aborda a aplicação de métodos de campo no projeto CentroSP, especialmente àqueles relacionados ao som. A segunda parte discute resultados da aplicação dos métodos durante o estudo de campo, procurando entender as atividades desenvolvidas enquanto práticas coletivas que fomentam a escuta e o encontro entre diferenças. A terceira parte trata da discussão das potencialidades e dos limites sobre a escuta enquanto forma de encontro de diferenças.

## **2 CentroSP: métodos de pesquisa de campo**

No espaço urbano, os sons podem ser interpretados como sinais de eventos e movimentos ocorridos em um dado espaço-tempo, bem como ciclos e tendências de organização (LEFEBVRE, 2004). Os sons indicam as configurações do espaço físico através de fenômenos acústicos, auxiliando-nos a registrar, documentar e descrever as dinâmicas de uma ambiência (THIBAUD, 2011b), inscrevendo características espaciais e temporais no registro. É, portanto, possível investigar eventos, situações e contextos através do som e dos métodos de registro de som. Como argumenta Thibaud, "com sons – assim como com ambiências – nós não experienciamos o mundo desde fora, à nossa frente, mas através dele, de acordo com ele, como parte dele." (THIBAUD, 2011b, p. 7 tradução nossa<sup>2</sup>). Junto a esta ideia de ressonância, de envolver-se, Thibaud (2011b) argumenta, em seguida, que o tempo é parte da natureza do som, e que a gravação de som é um registro que reúne características da temporalidade e do espaço físico. Ao escutar uma ambiência estamos, conseqüentemente, ouvindo seu desenvolvimento.

O som participa da construção constante do espaço urbano, possibilitando contatos e encontro entre agentes humanos e não humanos, formando um sistema de humanos, objetos, tecnologias, materiais, infraestruturas e animais em inter relação (GALLAGHER, KANNIESER, PRIOR, 2017). A prática sonora e a escuta são elementos metodológicos com o potencial de incluir efeitos sensíveis à pesquisa e articulá-los a um espectro maior de referências espaciais (ROÇA, 2019), seguindo a linha de pensamento sobre ambiências.

de fato, a arquitetura não organiza apenas espaços, ela constrói entornos específicos, ela define 'ambiances'. Esse aspecto fundante do espaço construído e muitas vezes esquecido nas doutrinas arquitetônicas, também se torna cada vez mais importante devido à evolução das técnicas na construção e à produção de efeitos sensíveis com os quais nos familiarizamos dia após dia. (CHELKOFF, 2001, p. 102, tradução nossa<sup>3</sup>.)

É preciso que o espectro arquitetural e formal do espaço se articule a uma perspectiva sociológica de modos de vida, em uma relação intrínseca entre formas construídas e formas sociais, atendendo a uma configuração recíproca entre espaços e práticas (GROSJEAN, THIBAUD, 2001). Desta forma, estar em campo nos auxiliará a

compreender a heterogeneidade de condições intrinsecamente articuladas entre si. Trata-se de revisitar métodos clássicos e consolidados de pesquisa, repensar seus usos, adaptá-los, buscar métodos que lhes sejam complementares e adequados à pesquisa, reconhecendo demandas e limites do campo abordado. Pela experimentação, é possível perceber limites e potencialidades de forma sensível, aliando aspectos sócio-políticos e sensoriais. Com embasamento teórico próprio, a experimentação deixa de ser uma etapa de aferição na pesquisa para igualmente fomentar e informar a reflexão teórica.

Durante pesquisas de campo, os problemas e situações encontrados alimentam reflexões importantes que possivelmente não se produziriam sem esses métodos de campo. São processos que aproximam o pesquisador de diferentes realidades sociais e demandas, além de proporcionar encontros que auxiliam reflexões sobre o próprio fazer em contexto interdisciplinar.

### 3 Práticas coletivas para proporcionar encontros

Ao concentrar todo o grupo em uma única área, claramente definida, o trabalho colaborativo de captação de imagens e sons se intensifica em dinâmicas e em quantidade, diversificando-se em qualidade e proporcionando diferentes olhares sobre mesmos eventos ou aspectos da vizinhança.



**Fig. 1:** Região do distrito da República, São Paulo, com destaque para a área abordada no estudo de campo. Fonte: Luciana Roça sobre imagem de satélite do Google Earth.

A área recortada no distrito da República é extensa para ser coberta durante o curto período de imersão no estudo de campo. Contudo, preferimos ainda assim manter esse recorte devido à complexidade e diversidade de territórios simbólicos-culturais nele presentes (HASBAERT, 2004). O trecho abriga diversos órgãos públicos, equipamentos sociais e culturais de grande importância para toda a cidade. A região também é palco de diversos conflitos entre grupos sociais e o poder público, amplamente relacionados aos interesses dos investimentos imobiliários. As investigações em campo como práticas coletivas foram realizadas por dez participantes que se somaram aos pesquisadores do Nomads.usp, nos dias 13 e 14 de novembro de 2017. Os pesquisadores propuseram que os participantes realizassem representações de cidade através de ações em campo, sugerindo, para isso, formas de aproximação com a população da região em situação de rua. As atividades de campo estruturaram-se fundamentalmente por encontros pela manhã para instruções iniciais, ações independentes durante o dia e discussão, ao final da tarde, sobre as experiências vividas.

#### 3.1 Soundwalk coletiva como estruturação da experiência do ouvinte

O método *soundwalk* pode ser realizado de variadas formas, sempre atendendo a duas condições fundamentais: o deslocar-se pelo espaço físico, através do ato de caminhar, e uma escuta atenta do entorno sonoro. Ainda que também utilizado em âmbitos artísticos e pedagógicos, o método *soundwalk* é geralmente adaptado para valorizar os objetivos das pesquisas, como é possível constatar em inúmeros trabalhos (WESTERKAMP, 1974, SEMIDOR, 2006, VERNOT, SEMIDOR, 2006, GALLAGHER, PRIOR, 2014, BUTLER, 2006, SOUTHWORTH, 1969, CHATTOPADHYAY, 2013, McCARTNEY, 2014, PAQUETTE, McCARTNEY, 2012, RADICCHI, 2017, GUILLEBAUD, 2019, SIMILI, REGO, 2020, HENCKEL, 2019, *inter alios*). Um *soundwalk* é uma atividade dedicada a ouvir o entorno sonoro e perceber transições de ambiências através do som. Trata-se do aprendizado de um modo de escuta mais atento que relaciona pesquisadores e ambiência, em uma prática vivenciada, e destaca as relações entre tempos sociais, espaço físico e multissensorialidade. Uma qualidade importante do método é que "*soundwalks* retomam a ação cotidiana de caminhar e os sons cotidianos, chamando a atenção dos participantes a esses eventos, práticas e processos frequentemente ignorados." (McCARTNEY, 2014, p. 214, tradução nossa<sup>4</sup>). De fato, *soundwalks* podem estimular a consciência sobre o entorno ao propor a escuta e a atenção às nuances multissensoriais do trajeto (BUTLER, 2006).



**Fig. 2:** Caminho do *soundwalk* realizado com os participantes no distrito da República, São Paulo. Fonte: Luciana Roça sobre imagem de satélite do Google Earth.

O caminho do *soundwalk* realizado com os participantes do projeto foi previamente definido, procurando prover uma ampla amostragem da área e diferentes transições entre entornos sonoros. Através do *soundwalk*, tentamos enfatizar o estado de atenção aos sons e suas qualidades, indo além da causalidade desses sons. Ainda que realizado coletivamente, o *soundwalk* é uma caminhada silenciosa em grupo. Os participantes caminham silenciosamente durante todo o trajeto, sem comunicar-se entre si, e apenas ao final discutem suas impressões. Não foi realizado nenhum registro, nem de imagem, nem de som, pois era essencial que toda a atenção fosse direcionada ao trajeto e à compreensão das ambiências. Os dados coletados restringiram-se aos depoimentos dos participantes, na discussão final.

De acordo com esses relatos, o *soundwalk* foi um convite para experimentar a cidade de maneira não imposta pelas atividades cotidianas. Os participantes fizeram comentários reportando-se às dimensões visual, sonora e olfativa dos locais percorridos, atendendo parcialmente ao caráter multissensorial. As diferenças entre os tempos sociais e suas dinâmicas foram fortemente vinculadas ao espaço físico, como, por exemplo, o caminhar na calçada, as pessoas conversando nas praças, as vozes e os fragmentos de conversa que iam e vinham, de acordo com a escuta de cada um. Os vínculos entre entorno sonoro, atividades sociais e espaço físico estavam presentes na fala de todos.

Ainda que os participantes não tenham sido instruídos para qualificar os sons que ouviam, os comentários expressam, contudo, sua dificuldade em qualificar os entornos sonoros. A discussão apresenta várias referências ao binário barulho e silêncio, muitas vezes determinando a qualidade do som a partir de sua fonte – por exemplo, o "canto" dos pássaros, o "barulho" do ônibus, as "vozes" das pessoas. Essa última observação, no entanto, também pode ser consequência da forte relacionalidade entre espaço físico, domínio social e domínio sensorial, que também transparece nos comentários. Os participantes relataram que perceberam dinâmicas sociais entre as pessoas, em fragmentos de narrativas, e também disseram ter ouvido sons que não imaginavam previamente que ouviriam tanto, como o som de pássaros. Eles também comentaram que a atenção dedicada ao som ressalta mais ainda algumas atividades, tais como o tráfego de veículos e as transições de um lugar a outro. Entre potencialidades e limites, o *soundwalk* teve uma finalidade de pesquisa e política (RADICCHI, 2017). Foi realizado visando estruturar a experiência de escuta dos participantes, propondo um caminho e direcionando a atenção aos sons e às ambiências. O método evidenciou a maneira como um local difere do outro, e como nosso grupo se inseria no contexto local ao realizar o percurso.

Outras aproximações ao caminhar e vivenciar a cidade são propostas por vários autores (INGOLD, VERGUNST, 2008, PIERCE, LAWHON, 2015, BUTLER, 2006, FORTUNA, 2018, MIDDLETON, 2011, JACQUES, 2012 inter alios.) Outros estudos podem complementar o método, realizando entrevistas com habitantes, como o método dos Percursos Comentados, ou *méthode des parcours commentés* (THIBAUD, 2001), bem como realizar entrevistas caminhando, ou *Walking interview* (JONES et al. 2008, EVANS, JONES, 2011), ou ainda o método *go-along* (KUSENBACH, 2003, BERGERON, PAQUETTE, POULLAUEC-GONIDEC, 2014). Há, ainda, os métodos com inspirações da deriva situacionista (JACQUES, 2008, CHATTOPADHYAY, 2013), ou mesmo a partir da escuta de registros sonoros (GALLAGHER, 2015b). Outros métodos priorizam a coleta de comentários sobre o entorno sonoro, como escuta reativada, ou *écoute reactivée*, proposta por Augoyard (2001), e o método microfones nas orelhas, tradução nossa de *mic in the ears* (BATTESTI, 2017, BATTESTI, PUIG, 2016). Tais caminhadas ou *soundwalks* podem ser complementadas de diversas formas, utilizando dados de GPS e GIS (EVANS, JONES, 2011, MARTINI, 2020), ou mapas mentais.

### 3.2 Registro de sons como textos sensórios

As gravações sonoras capturam características acústicas filtradas pela intenção da pessoa que as registra. Isto significa que as gravações são representações do lugar, produzidas em um processo reflexivo que insere os pesquisadores em um ambiente, o qual os influencia e é influenciado por eles. Resultantes da interação entre pesquisadores, entornos sonoros e ambiência, tais gravações fornecem informações sobre um dado contexto (CUSACK, 2013), como representações etnográficas (GALLAGHER, 2015a, DREVER, 2002, RENNIE, 2014, 2015) que incluem práticas de escuta. O registro sonoro em campo, enquanto parte de uma prática fonográfica maior (ROÇA, 2019, GALLAGHER, PRIOR, 2014, GALLAGHER, 2015a, MAKAGON, NEUMAN, 2009), é uma forma de aproximação no processo de construção de um assunto.

Propusemos aos participantes do CentroSP que realizassem também registros sonoros, além da captação de vídeos. Porém, mesmo que os participantes tenham demonstrado interesse em fazê-lo, poucos registros foram realizados, à exceção de entrevistas. Como nenhum deles possuía gravador de som, entendemos que a pequena quantidade de registros pode ser explicada por duas razões interdependentes. Devido a limitações técnicas, os smartphones utilizados não registravam os sons da forma desejada pelos participantes, diminuindo seu engajamento. O principal obstáculo para produzir boas gravações estava na qualidade do microfone. Ele possuía uma restrição das frequências captadas e, por isso, exigia proximidade física com a fonte sonora, facilitando, por outro lado, a gravação da voz em entrevistas. Estas limitações eram ainda mais expressivas quando comparadas às boas possibilidades de registro de imagem.

### **3.3 Entrevistas como exercício de escuta**

As entrevistas foram realizadas pelos participantes e pesquisadores de forma semiestruturada, com perguntas abertas. Baseando-nos em experiências de pesquisa de projetos anteriores do Nomads.usp, propusemos aos participantes que realizassem entrevistas com pessoas em situação de rua e de outros grupos sociais vulneráveis. Seguindo protocolos previamente definidos para abordagens de possíveis entrevistados, os participantes e pesquisadores identificavam-se, expunham brevemente as intenções do projeto, e então conversavam, preparando o entrevistado e solicitando seu consentimento para realização de registros. As perguntas versavam sobre o seu cotidiano, os trajetos diários que o entrevistado fazia, sua opinião sobre o bairro e seus sons, prosseguindo então o exercício de escuta. Os participantes comentaram que algumas pessoas abordadas não permitiram registros mas, ainda assim, falaram livremente mesmo sem serem questionados.

Entrevistas semi-estruturadas constituindo um exercício de escuta por parte dos entrevistadores assemelhavam-se, em alguns casos, a entrevistas de história de vida (ATKINSON, 1998). Esse tipo de entrevista relaciona-se com métodos da história oral, em que os indivíduos contam sobre experiências de vida e eventos marcantes. No nosso caso, os entrevistados nos falavam sobre eventos do passado relacionados com sua condição social ou com o espaço urbano. Como apontado por Alan Bryman (2015), esse método é sujeito à parcialidade devido a distorções e lapsos de memória, mas, por outro lado, ele permite a emergência de discursos de pessoas marginalizadas, assim consideradas por sua falta de poder ou simplesmente por serem vistas como não excepcionais. No projeto CentroSP, tais histórias cumprem a função de permitir "entender nossas características em comum com os outros, assim como nossas diferenças" (ATKINSON, 1998, p. 10, tradução nossa). Elas ajudam a construir um mosaico de experiências sobre o bairro, a partir do registro dessas narrativas, assim como propiciam encontros entre diferentes através do processo de escuta. Esse verdadeiro papel social da conversa, da escuta atenta a um outro marginalizado de múltiplas maneiras nos espaços públicos e na sociedade, é uma forma de produzir registros de vivências e de entendimentos de mundo.

Claramente perceptível nos comentários dos participantes durante a discussão sobre as experiências, ao final do dia, a realização de entrevistas e a escuta atenta permitiram uma grande aproximação às pessoas em situação de rua. Os entrevistados demonstravam grande interesse em contar-nos suas histórias, fossem elas verdadeiras ou falsas. Com frequência, suas falas distanciavam-se de nossas perguntas, tomando-as apenas como uma oportunidade de expressar-se ou uma possibilidade de ser ouvido. Havia um claro conflito também em relação ao reconhecimento e aceitação de sua presença sonora, sua presença social e visual. Ao mesmo tempo em que estas pessoas encontram-se sonoramente presentes no entorno, sua participação social pode estar-lhes sendo negada. Elas podem ser ouvidas, no sentido fisiológico do termo, mas não são escutadas, ou seja, não são respeitadas na cena pública local, se entendermos escutar como um processo mais atento do que ouvir.

### **3.4 Discussão das atividades**

Para finalizar as atividades do dia, realizamos reuniões entre os pesquisadores e os participantes visando avaliar as ações e compartilhar experiências. As discussões eram guiadas pelos pesquisadores do Nomads.usp, que apresentavam temas a serem discutidos e moderavam as falas.

A captação de vídeo, registros de sons e entrevistas foram realizados de maneira descentralizada, em duplas, aumentando a diversidade e quantidade de registros, e de dados qualitativos. Este procedimento fundamenta-se em experiências advindas de projetos e pesquisas anteriores do Nomads.usp (TRAMONTANO, 2019, TRAMONTANO, SANTOS, 2013, TRAMONTANO, SANTOS, 2012, ROÇA et al., 2015, ROÇA, 2019), e reconhece que cada um dos pesquisadores e participantes possui uma experiência de campo única e pessoal. Dessa forma, a investigação coletiva em campo apenas se completa quando os envolvidos se reúnem, compartilham, discutem e avaliam juntos suas experiências.

#### **4 Conclusões: agindo e refletindo**

As práticas e métodos aqui discutidos podem contribuir para práticas educacionais que visem qualificar percepções do espaço através do som. Podem também adensar práticas de desenho urbano através de sua capacidade de produzir conhecimento sobre eventos no espaço físico. Ajudam-nos a matizar a compreensão do papel da universidade enquanto ator social. E podem, ainda, contribuir para a formulação de políticas públicas, auxiliando o reconhecimento de dinâmicas sociais de seus usuários e moradores, em espaços públicos.

Moacir Gadotti (2017) argumenta que a proposta de Paulo Freire de substituir o conceito de extensão por comunicação ressitua a ideia de Extensão Universitária como produção de conhecimento, como troca de saberes em uma articulação em que a "extensão deve influenciar o ensino e a pesquisa e não ficar isolada entre eles" (GADOTTI, 2017). Essa observação nos lembra de que ações de extensão não visam a simples divulgação do conhecimento acadêmico, mas construir "uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade." (Idem). Estimular encontros com diferentes, estimular a interlocução e a escuta são maneiras necessárias e urgentes de aproximar práticas de pesquisa e sociedade. Esses encontros poderão constituir o lugar de origem de novos métodos interdisciplinares, passíveis de serem descritos e reaplicados, aptos a serem utilizados de forma didática, tratando dos aspectos sensíveis e políticos dos espaços livres da cidade.

Interessa-nos situar tais encontros na relação de interdependência entre teoria e prática fundamentada na noção de práxis, conforme construída por Paulo Freire (1980): o diálogo é um encontro que se realiza na práxis, na articulação ação-reflexão. Práticas de ensino e pesquisa conectadas à realidade extra-campus tomam corpo a partir desses encontros. Entendemos que as práticas coletivas de escuta do projeto CentroSP geraram encontros qualificados de pesquisadores e participantes com usuários e moradores da região estudada, situando-os em uma ambiência e proporcionando um início de diálogo em uma troca sensível com os entrevistados e com o espaço. Ao qualificar o contato entre diferentes, a escuta torna-se uma prática política, de ensino e pesquisa, fundamentada no cotidiano, valorizadora de laços e influências distanciadas no dia a dia (AMIN, 2004 apud WILSON, 2017).

Não sabemos em que medida esta pandemia influenciará as práticas acadêmicas de pesquisa de campo a partir de 2020. Todas as medidas de segurança operaram e continuam operando no sentido oposto do imenso esforço de construção de uma cultura do comum nas cidades, que vem durando nos pelo menos últimos cem anos. Neste primeiro semestre de 2020, populações urbanas de todo o mundo viram legitimadas diversas formas de exclusão de diferentes, ao manterem distância social de desconhecidos, ao rechaçarem ostensivamente pessoas em situação de rua, ao fecharem rapidamente o vidro do automóvel no semáforo vermelho, ao preferirem o automóvel ao transporte público, ao se trancarem em casa e comunicar-se com o mundo apenas através de entregadores. Com ou sem vacina, o futuro da construção do comum anuncia-se árduo, já que tantos medos e distâncias sociais acabaram sendo indiretamente cancelados pela ciência, em um processo ainda em curso, de consequências pouco previsíveis.

As formas coletivas de produção de conhecimento envolvendo comunidades extra-campus estão, sim, ameaçadas. Já estavam antes dessa tragédia, mas agora precisam ser reformuladas, o discurso em seu favor precisa ser reconstruído. Diferentes ainda precisam ser colocados em diálogo, talvez ainda mais do que antes. Precisamos de metodologias que estimulem e qualifiquem esse diálogo, que reafirmem a importância da co-presença de diferentes em interação no espaço público, e que nos auxiliem na construção de novas bases para seguirmos. Para que a universidade cumpra seu papel de ator social nesse delicado momento histórico, e continue produzindo pesquisa conectada ao ensino e à sociedade.

#### **Agradecimentos**

Agradecemos às pesquisadoras MSc. Juliana Trujillo, Dra. Maria Júlia Martins, e MSc. Sandra Soster por compartilharem conosco a concepção e realização do projeto CentroSP. Agradecemos também o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP à pesquisa de Doutorado de Luciana Santos Roça (processo 2015/13785-1), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES às pesquisas de Dra. Maria Júlia Martins e MSc. Sandra Soster, e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul -

UFMS à pesquisa da Profa. MSc. Juliana Trujillo. Agradecemos, ainda, o suporte da Fundação Theatro Municipal de São Paulo e da 11a. Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

## Referencias

- AHMED, S. **Strange encounters: Embodied others in post-coloniality**. Londres: Routledge, 2000.
- ATKINSON, R. **The life story interview**. Thousand Oaks/London/New Delhi: Sage, 1998.
- AGUIAR, D. V. Sobre o papel da caminhada na arquitetura. In: **Anais...**, Enanparq IV, 2016. Porto Alegre: Centro Universitário UniRitter, 2016.
- AUGOYARD, J.-F. Entretien sur écoute réactivée. 2001. In: GROSJEAN, M., THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Parenthèses, 2001. p. 127-152.
- BATTESTI, V. Mics in the ears: how to ask people in Cairo to talk about their sound universes. In: GUILLEBAUD, C. (ed.). **Toward an Anthropology of Ambient Sound**. London: Routledge, 2017. p. 134-152.
- BATTESTI, V., PUIG, N. "The sound of society": A method for investigating sound perception in Cairo. **The senses and society**, v.11, n.3, 2016. p.298-319.
- BERGERON, J., PAQUETTE, S., POULLAOUÉC-GONIDEC, P. Uncovering landscape values and micro-geographies of meanings with the go-along method. **Landscape and Urban Planning**, v.122, 2014. p.108-121.
- BRYMAN, A. **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- BUTLER, T. A walk of art: the potential of the sound walk as practice in cultural geography. **Social & cultural geography**, vol. 7, n.6, 2006. p. 889-908.
- CHATTOPADHYAY, B. Sonic drifting: sound, city and psychogeography. **SoundEffects - An Interdisciplinary Journal of Sound and Sound Experience**, v. 3, n. 3, 2013.
- CHELKOFF, G. Formes, formants et formalités: catégories d'analyse de l'environnement urbain. In: GROSJEAN, M., THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Parenthèses, 2001. p.101-124.
- CUSACK, P. Field recording as sonic journalism. In: CARLYLE, A., LANE, C. **On listening**. Londres: Uniformbooks, 2013
- DREVER, J. L. Soundscape composition: the convergence of ethnography and acousmatic music. **Organised Sound**, vol. 7, no. 1, 2002, p. 21-27.
- EVANS, J., JONES, P. The walking interview: methodology, mobility and place. **Applied Geography**, 2011, 31.2: 849-858.
- FORTUNA, C. Caminhar urbano e vivências imprevistas. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, v. 6, n. 13, 2018.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- GADOTTI, M. **Extensão universitária: para quê?**[online]. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o\\_Universit%C3%A1ria\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf). Acesso em: 13 jun. 2020.
- GALLAGHER, M. Sounding ruins: reflections on the production of an 'audio drift', **Cultural Geographies**, v. 22, n. 3, 2015. doi: 10.1177/1474474014542745.
- GALLAGHER, M., 2015a. Field recording and the sounding of spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, 33(3), p. 560-576.
- GALLAGHER, M., PRIOR, J. Sonic Geographies: Exploring Phonographic Methods. **Progress in Human Geography**, v. 38, n. 2, 2013. p. 267-284. doi: 10.1177/0309132513481014.

- GALLAGHER, M., KANNGIESER, A., PRIOR, J. Listening geographies: Landscape, affect and geotechnologies. **Progress in Human Geography**, v. 41, n. 5, 2017. doi: 10.1177/0309132516652952
- GUILLEBAUD, C. Soundwalks in Shiva Temple: a situated approach to perceived ambiance. In: GUILLEBAUD, C., LAVANDIER, C. (ed.). **Worship Sound Spaces: Architecture, Acoustics and Anthropology**. London: Routledge, 2019.
- GOES, E. F., RAMOS, D. de O., FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462020000300301&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000300301&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 jun. 2020. Epub 29-Maio-2020. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00278>.
- GROSJEAN, M., THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Parenthèses, 2001.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004
- HAMMERSLEY, M., ATKINSON, P. **Ethnography: principles in practice**. Londres: Taylor & Francis, 2007.
- HENCKEL, D. Combined soundwalks and lightwalks. **Cities & Health**, 2019, 1-3.
- INGOLD, T., VERGUNST, J. L. (Eds.). **Ways of Walking: ethnography and practice on foot**. Farnham: Ashgate Publishing, 2008.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2012.
- JONES, P., BUNCE, G., EVANS, J., GIBBS, H., HEIN, J. R. Exploring space and place with walking interviews. **Journal of research practice**, v. 4, n. 2, 2008.
- KUSENBACH, M. Street phenomenology: The go-along as an ethnographic research tool. **Ethnography**, v. 4, n. 3, 2003. p. 455-485.
- LEFEBVRE, H. **Rhythmanalysis: Space, time and everyday life**. New York: Continuum books, 2004.
- LUPTON, D. (Eds.). Doing fieldwork in a pandemic. **Documento eletrônico colaborativo**. [s.d.] [online]. Disponível em <https://docs.google.com/document/d/1cGjGABB2h2qbduTgfqribHmog9B6P0NvMgVuiHZCl8/edit?ts=5e88ae0a#>. Acesso em: 27 mai. 2020.
- MAKAGON, D., NEUMANN, M. **Recording culture: Audio documentary and the ethnographic experience**. London: Sage Publications, 2008.
- MARTINI, N. Using GPS and GIS to Enrich the Walk-along Method. **Field Methods**, 2020, 32.2: 180-192.
- MASSEY, D. **For Space**. London: Sage, 2005.
- MASSEY, D. **Pelo espaço**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MCCARTNEY, A. Soundwalking: creating moving environmental sound narratives. **The Oxford handbook of mobile music studies**, v. 2., 2014, p. 212-237.
- MIDDLETON, J. Walking in the city: The geographies of everyday pedestrian practices. **Geography Compass**, 2011, 5.2: 90-105.
- OLIVEIRA, M. W., STOTZ, E. N. Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. **Reunião Anual Da Anped**, v. 27, n. 17, 2004.
- PAQUETTE, D., MCCARTNEY, A. Sound-walking and the Bodily Exploration of Places. **Canadian Journal of Communication**, v. 37, 2012

PIERCE, J., LAWHON, M. Walking as method: Toward methodological forthrightness and comparability in urban geographical research. **The Professional Geographer**, 2015, v. 67, n. 4, p. 655-662.

PINK, S. **Doing sensory ethnography**. London: Sage, 2015.

PUWAR, N. **Space invaders: race, gender and bodies out of place**. Oxford and New York: Berg, 2004.

RADICCHI, A. A pocket guide to soundwalking. Some introductory notes on its origin, established methods and four experimental variations. In: BESECJE, A., MEIER, J., PÄTZOLD, R., THOMAIER, S. (Eds.). **Perspectives on urban economics. A general merchandise store**. Berlin: Universitätsverlag der TU Berlin, 2017. p. 70-73.

RENNIE, T. Socio-Sonic: An ethnographic methodology for electroacoustic composition. **Organised Sound**, 2014, v. 19, n. 2, 2014. p.117-124.

RENNIE, T. Power Struggles: The Politics of Composing with Sounds of Protest. **Leonardo Music Journal**, 2015, 25: 17-20.

MARTINS, M. J. S., ROÇA, L. S., BENATTI, N., CALIJURI, J. E., TRAMONTANO, M. Frontier Zones: documentários para ler cidades. In: **Encontro Internacional Cinemídia**, 2015, São Carlos.

ROÇA, L. **Som e cidade: à escuta de fronteiras em espaços públicos**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019.

SANTOS, J. A. F. Covid-19, causas fundamentais, classe social e território. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, e00280112, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462020000300303&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000300303&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 03 jun. 2020. Epub 29-Maio-2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00280>.

SEMIDOR, C. Listening to a city with the soundwalk method. **Acta Acustica unite with acustica**, 2006, vol. 92, no 6, p. 959-964. Disponível em [http://web5.arch.cuhk.edu.hk/server1/staff1/edward/www/plea2018/plea/2006/Vol2/PLEA2006\\_PAPER867.pdf](http://web5.arch.cuhk.edu.hk/server1/staff1/edward/www/plea2018/plea/2006/Vol2/PLEA2006_PAPER867.pdf). Acesso em: 13 ago 2019.

SIMILI, J., REGO, A. Q. Passeio Sonoro Comentado: metodologia de identificação da paisagem sonora representada por pessoas surdas. Commented soundwalk: methodology for identifying the soundscape represented by deaf people. **Oculum Ensaios**, 2020, 17: 1-22.

SOUTHWORTH, M. The sonic environment of cities. **Environment and Behavior**, v.1, n. 1, p. 49, 1969.

TRAMONTANO, M. Repensando colaborativamente a cidade: o caso do PlanCHA. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 21, n. 3, 2019.

TRAMONTANO, M., SANTOS, D. M. (Eds.). **Territórios Híbridos: ações culturais, espaço público e meios digitais**. São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2013.

TRAMONTANO, M., SANTOS, D. M. Hybrid Territories Project: Cultural Actions and Digital Media. **Proceedings. 30th eCAADe Conference**, Czech Technical University in Prague, Faculty of Architecture, 2012.

THIBAUD, J.-P. The sensory fabric of urban ambiances. **The Senses and Society**, v. 6, n. 2, 2011a.

THIBAUD, J.-P. A Sonic Paradigm of Urban Ambiances. **Journal of Sonic Studies**. v. 1, n. 1, 2011b.

THIBAUD, J.-P. La méthode des parcours commentés. In: GROSJEAN, M., THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Parenthèses, 2001. p.79-99.

VENOT, F., SEMIDOR, C. The soundwalk as an operational component for urban design. In: **Proceedings. PLEA 2006 23rd Conference on Passive and Low Energy Architecture**. Geneva, 2006, p. 6-8.

WESTERKAMP, H. **Soundwalking**. Originally published in Sound Heritage, Volume III Number 4, Victoria B.C., 1974. Revised 2001. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~westerka/writings%20page/articles%20pages/soundwalking.html>. Acesso em: 12 ago. 2019

**1** O projeto CentroSP foi conduzido por pesquisadores do Nomads.usp como parte da programação da 11a. Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, de outubro a dezembro de 2017. O projeto coletivo contribuiu para quatro pesquisas de doutorado então em curso no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU-USP e desenvolvidas no Núcleo, dentre elas a pesquisa "Som e Cidade: à escuta de fronteiras em espaços públicos", de Luciana Santos Roça, financiada pela FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

**2** Do original em inglês: "With sounds – as with ambiances – we do not experience the world from the outside, in front of us, but through it, in accordance with it, as part of it."

**3** Do original em francês: « L'architecture n'organise en effet pas seulement des espaces, elle construit des environnements spécifiques, elle définit des «ambiances». Ce trait, fondateur du bâti mais souvent oublié dans les doctrines architecturales, devient aussi de plus en plus prégnant du fait de l'évolution des techniques dans la construction et de la production d'effets sensibles auxquels nous nous familiarisons jour après jour ».

**4** Do original em inglês: "Soundwalks take the everyday action of walking, and everyday sounds, and bring the attention of the audience to these often-ignored events, practices, and processes."